

O mito de Prometeu em Hesíodo, Ésquilo e Platão

Luiza Vilma Pires Vale*

Resumo

O mito de Prometeu, ligado intimamente à questão da origem do fogo, situa-se entre os mais antigos e universais. A literatura, a arte que transmite pela palavra as mais variadas situações humanas, seus costumes, suas crenças, apropriou-se desse mito, tornando-o tema de várias obras desde a Antigüidade até hoje. Na Grécia Antiga, o mito de Prometeu é representado em textos literários de autores como Hesíodo, nos poemas *Teogonia: a origem dos deuses* e *Os trabalhos e os dias*; Ésquilo, na tragédia *Prometeu acorrentado*; Platão, em os diálogos de *Protágoras*.

Palavras-chave: Mito de Prometeu. Literatura. Antigüidade. Origem do fogo. Hesíodo. Platão. Ésquilo.

1 Introdução

O mito de Prometeu situa-se como um dos mais antigos do imaginário grego, uma vez que remonta à fase em que refere a posse do Olimpo por Zeus e a separação do mundo humano do divino, quando Prometeu rouba o fogo dos deuses para entregá-lo aos homens. O relato passa da oralidade para a literatura ao tornar-se tema de obras de vários autores em diferentes momentos da História. Este artigo tem o objetivo de analisar a representação do mito nas obras de três autores gregos: Hesíodo, nos poemas *Teogonia: a origem dos deuses* e *Os trabalhos e os dias*; Ésquilo, na tragédia *Prometeu acorrentado*; Platão, nos diálogos de *Protágoras*. No estudo pretende-se tecer comentários sobre o tratamento dado ao tema pelos poetas, mostrando mutações que a versão clássica tem nas obras citadas.

2 Situando o mito de Prometeu: o mundo humano e o divino

Mito é uma história sagrada, que relata como, graças a interferências de seres sobrenaturais, uma realidade passa a existir (ELIADE, 1986, 11). Considerando essa definição, o mito de Prometeu narra o momento em que ocorre a separação entre os mortais e os deuses, dando origem a uma

* Professora na FAPA. Mestre em Letras pela PUCRS. E-mail: luizavale@fapa.com.br

nova raça de homens, o surgimento da primeira mulher e a instauração do sacrifício como forma de comunicação entre os homens e os deuses, uma vez que, com a cisão, os dois grupos não mais compartilham a mesma linguagem. De acordo com a narrativa clássica, o afastamento entre eles acontece quando Zeus, após destronar seu pai, Crono, assume o poder e pretende impor aos mortais a supremacia dos deuses, abolindo a convivência harmônica que há entre eles e as divindades. O episódio ocorre quando Prometeu, a pedido de Zeus, em um ritual solene para determinar que partes de um animal sacrificial devem ser conferidas aos deuses e quais as destinadas aos homens, divide as porções de um boi em dois montes: um formado pelos ossos, cobertos com fina camada de gordura; e outro, pelas carnes e entranhas, escondidas sob a pele do animal. Zeus prefere a primeira. Ao perceber que o lote por ele escolhido só contém ossos, destinando-se aos homens o melhor, o deus supremo do Olimpo deixa de enviar à raça humana o fogo divino, que permite o amadurecimento dos frutos e dos cereais, assim como o cozimento dos alimentos. Com isso ele priva o homem do bem que lhe permite a sobrevivência.

Ao ver a dimensão do castigo que Zeus impõe ao homem, Prometeu entra furtivamente no Olimpo, rouba algumas sementes do fogo divino e leva-as para a Terra, escondidas num caule de fêrula. É graças ao uso desse fogo que o homem pode preparar seu alimento e não morrer de fome. Por esse gesto, Zeus castiga os mortais e seu benfeitor. Aos primeiros envia uma criatura – Pandora – por ele forjada para levar desgraças aos homens. Quanto a Prometeu, acorrenta-o ao cimo do monte Cáucaso, determinando que uma águia lhe devore o fígado, que se vai renovando diariamente.

Esse mito, então, além apresentar a separação do divino e do profano, revela Prometeu como o criador do homem:

De certa maneira, a narração trata da criação do homem. Esta criação nos é apresentada como uma separação dos homens e dos deuses, que antes viviam misturados. A distribuição das partes de alimentos que oferece a Prometeu a oportunidade de enganar os deuses em proveito dos homens marca essa separação que implica um *status* novo à raça humana. (VERNANT, 1990, p. 250).

É interessante salientar que há uma versão na mitologia grega referindo Prometeu como criador dos primeiros homens, moldados a partir do barro. (GRIMAL, 2004, p. 396)

3 O mito de Prometeu e a literatura no Ocidente

O mito de Prometeu, ligado intimamente à questão da origem do fogo, situa-se entre os mais antigos e universais, já que seus equivalentes,

segundo Raymond Trousson¹, no *Dicionário de mito literários*, organizado por Pierre Brunel (1997), são encontrados, entre outras, nas mitologias indiana, germânica, celta, eslava. Segundo o autor, esse mito é alvo de variadas interpretações, muitas até mesmo contraditórias. Contribui para essas variantes, o significado que o homem, em cada momento da história, atribui ao roubo do fogo divino praticado pelo titã². A diversidade de sentidos que o nome da personagem mítica admite também contribui para a formulação das diferentes explicações. Para alguns, Prometeu é o inventor do bastão que produz o fogo por fricção, pelo fato de esse bastão ser chamado em sânscrito de *pramatanha*, de *manthani*, que significa friccionar. Outros preferem relacionar o nome à raiz indo-européia *man-dh*, que sugere reflexão, sabedoria, previdência. A última especulação aproxima-se do significado etimológico que a palavra tem no grego, que é o *previdente*, opondo-se ao irmão, Epimeteu, o *imprevidente*.

A literatura, a arte que transmite pela palavra as mais variadas situações humanas, seus costumes, suas crenças, apropriou-se desse mito, tornando-o tema de várias obras desde a antiga Grécia até a contemporaneidade. Trousson observa que as primeiras criações literárias que retomam o mito de Prometeu vêm da Grécia, destacando Hesíodo, nos poemas *Teogonia: a origem dos deuses* e *Os trabalhos e os dias*; Esopo, na fábula "Prometeu"; Ésquilo, na tragédia *Prometeu acorrentado*; Platão, nos diálogos de *Protágoras*.

Segundo Trousson (p. 787), do século IV ao VI, há poucas manifestações do mito na literatura ocidental. Ele alude que a fonte grega do relato chega tardiamente ao Ocidente. Desse período até a Renascença, o mito é mostrado em textos religiosos, numa perspectiva evemerista, que vê os deuses como personagens históricos de um passado obscuro, amplificados por uma tradição fantasiosa e lendária. Nessa visão, Prometeu é uma personagem ilustre da Antigüidade, responsável pela invenção da estatúária, divinizado por um povo ignorante.

Na Renascença (1518) surge a primeira tradução latina da tragédia de Ésquilo. Sua versão para o francês só acontece em 1770. Trousson (p. 787) também destaca que alguns pensadores desenvolvem diferentes idéias sobre o mito. Entre eles, aponta Francis Bacon, com *De sapientia veterum*, de 1620, que mostra Prometeu como o *homo faber*, capaz de intervir na natureza pelo conhecimento que tem do fogo, visto como símbolo do progresso técnico e científico; Giordano Bruno, com *Cabala del cavallo Pegaso*, de 1585, que apresenta a personagem mítica como alguém revoltado contra os dogmas e as coações intelectuais, reivindicador da liberdade do pensamento científico; Thomas Hobbes, com *De cive*, de 1642, que condena

¹ Todas as referências a palavras desse autor são retiradas do verbete "Prometeu" da obra BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. Assim, a partir daqui, todas as outras remissões serão feitas indicando-se apenas o número da página.

² Embora Prometeu seja filho de um titã, Jápeto, há autores que, por extensão, referem-no com esse epíteto.

Prometeu por sua posição política contestatória e democrática; Jean-Jacques Rousseau, com *Discurso sobre as ciências e as artes*, de 1750, que desaprova Prometeu por ser o inventor das ciências e, portanto, corruptor do homem, bom por natureza.

Trousseau (p. 788) também acentua que se junta às especulações que os pensadores fazem do mito a representação que vários autores fazem dele em suas obras literárias. O autor destaca que, na Idade Média, Boccaccio, em *Genealogia deorum gentilium*, de 1373, mostra Prometeu como o símbolo da sabedoria, herói do conhecimento. O acorrentamento da personagem não é visto como um suplício, mas como a representação do espírito ligado à pesquisa; e a águia devoradora do fígado, como o símbolo das dúvidas especulativas que atormentam o pesquisador solitário. No Renascimento, (século XVI), alguns autores, ao retomarem o mito, comparam a mulher amada, ideal e inacessível à chama roubada por Prometeu.

No século XVII, Trousseau (p. 791) destaca as obras de Thomas Campion, *The Lord's Masque* (1613), em que estátuas animadas pelo fogo de Prometeu dançam um grande balé em um casamento principesco; de André Catulle, *Prometeus sive de origine scientiarum drama* (1613), em que o titã aparece como pai de todo saber, prestando homenagem à Universidade de Louvain; de Giacomo Antonio Bergamori, *Prometeo leberato* (1683), que mostra a libertação de Prometeu por Hércules e a transformação do monte Cáucaso em um belo jardim, onde ocorre um baile.

Cabe ainda salientar, de acordo com Trousseau, naquele século, a peça de Calderón de La Barca, *La estatua de Prometeu* (1669). No drama, o autor explora os elementos fornecidos pelos mitógrafos Victoria e Peres de Moya – que traduziram *Genealogia deorum*, de Boccaccio – para construir uma alegoria em três jornadas. Calderon, retomando Hesíodo, enfatiza a oposição entre Prometeu e Epimeteu, fazendo do primeiro um adorador de Minerva, deusa da razão; e do segundo, um servidor de Palas, divindade guerreira:

Na linha de Boccaccio, Epimeteu é o homem da natureza, entregue a toda sorte de fraquezas da carne, enquanto Prometeu é o sábio, o ser inteligente; Palas e Minerva representam o antagonismo entre a paixão e a razão. Com Calderón, o conhecimento, fortificado pela moral, justifica a confiança no homem e na civilização: “Quem dá aos homens a luz, dá-lhes na realidade a ciência, e quem dá o saber, dá a voz ao barro e acende uma faísca na alma”. O drama de Calderón, de certo modo, fixa e codifica as principais interpretações da Renascença na primeira grande obra consagrada ao mito, depois de Ésquilo. (p. 789)

No Romantismo, o poeta alemão Goethe escreve *Prometheus* (1773), um drama que fica inacabado, reunindo vários temas antigos. Conforme Trousseau (p. 790-791), na peça,

Prometeu é o educador do tipo boccacciano que recusa o mito do estado natural e instrui os homens sobre seu ser e seus sentimentos, além de ensinar-lhes o amor; ele é também o fundador e o legislador de uma sociedade justa que recusa a violência e as guerras de conquista e na qual se admite apenas uma propriedade legítima, a de direito. Sobretudo, Prometeu torna-se o poeta de gênio que, criando segundo “uma forma interior”, elimina a transcendência de sua filosofia da arte, e recusa, em nome do poder criador, qualquer forma de imitação.

O autor (p.791) destaca ainda que o Prometeu representado no drama não é o revoltado que se improvisa de artista, mas o artista revoltado que se apóia em seu poder criador para rejeitar a concepção tradicional de divindade.

Goethe escreve também o poema “Prometheus” (1774), que, segundo o poeta, é uma espécie de “monólogo que fez época na literatura alemã”. Em seu discurso, o sujeito lírico, que pode ser identificado com Prometeu, mostra sua rebeldia e desdenho contra Zeus, visto como um deus cruel, expondo também seu intento de inculcar no homem seus sentimentos sobre o soberano tirânico: “formo os homens à minha imagem,/ crio uma raça semelhante a mim,/ predestinada a conhecer a dor e as lágrimas,/ a alegria e os regozijos, /e a desdenhar-te, como desdenho!” (GOETHE, 1948, p. 300)

Outros escritores também tematizam o mito em suas obras, entre eles, Byron, que mostra Prometeu como símbolo do gênio incompreendido; August Wilhelm von Schlegel, Honoré de Balzac e Alfred de Musset, que revelam a personagem mítica como artista criador. Giacomo Leopardi e Alessandro Manzoni representam em seus textos um Prometeu maléfico. Seguindo essa tendência, Mary Shelley escreve *Frankenstein ou o Prometeu moderno* (1818). Na novela a personagem mítica é representada pelo Dr. Viktor Frankenstein, um médico ambicioso que, transgredindo as leis da natureza, dá vida a uma criatura feita a partir de pedaços de cadáveres. Decepcionado com o resultado da experiência, o criador vai perseguir o ser para destruí-lo. Percy Bysshe Shelley cria o drama lírico *Prometeu libertado* (1820). Nele o poeta mostra um Prometeu que confia numa humanidade capaz de abrir caminho por si mesma, revelando otimismo em uma trindade: perfeição do homem, ciência e razão. Ainda na segunda metade do século XIX, conforme Trousson (p. 791) destacam-se os dramas *Prometeu* (1878), de Charles Grandmougin, e *Prometeu mal acorrentado* (1899), de André Gide.

No século XX, surgem poucas obras em que o mito é representado. Destaca-se a de Albert Camus, que situa Prometeu no centro dos dilemas do homem moderno, descrevendo-o como o herói que ama a humanidade a ponto de dar-lhe ao mesmo tempo o fogo e a liberdade. Mas, para o autor:

A humanidade, hoje, somente precisa das técnicas e apenas com elas se preocupa. Ela se revolta por meio de suas máquinas, tem o controle da arte e daquilo que supõe como obstáculo e signo de servidão. O que caracteriza Prometeu, ao contrário, é que ele não pode separar a máquina da arte. (CAMUS, apud BRUNEL, 1997, p. 793).

4 O mito de Prometeu em Hesíodo: desgraça para o homem

Hesíodo, poeta grego que nasceu na Beócia e viveu entre 770-700 a.C., escreveu *Teogonia: a origem dos deuses*, obra que apresenta a genealogia dos deuses da mitologia pré-homérica, e *Os trabalhos e os dias*, em que exalta a justiça e destaca a importância do trabalho. Nas duas obras, o relato do mito de Prometeu se complementam.

No poema *Teogonia: a origem dos deuses*, nos versos 510-616, “História de Prometeu”, é narrado detalhadamente esse mito, de acordo com a versão original, imbricando-o com o de Pandora.³ Na parte inicial da exposição (versos 510-535), uma espécie de prólogo, o poeta refere que o pai de Prometeu é Jápeto, o titã filho de Urano e Géia, e a mãe é Clímene, filha do titã Oceano e de Tétis, deusa da fecundidade feminina, sendo seus irmãos Atlas, Menécio e Epimeteu.

Hesíodo acentua, nos epítetos que dá a Prometeu e a Epimeteu, o antagonismo dos irmãos. O primeiro como a etimologia de seu nome prevê, “é derivado de *prometheús*, previdente, precavido, o que vê, percebe ou pensa antes” (BRANDÃO, 1991, p. 328). O poeta descreve-o como “astuto e de iriado pensar” (HESÍODO, 1992, p.135). Já o segundo, conforme a etimologia, tem seu nome derivado de *Epimetheús*, “o que pensa e compreende depois” (BRANDÃO, 1991, p. 343). Ele é apresentado no poema como “o sem-acerto”, pois, enquanto Prometeu demonstra preocupações com a raça humana, tudo fazendo para protegê-la, Epimeteu vem a ser instrumento de Zeus no castigo que este impõe ao homem: “[...] que foi um mal dês [sic] o começo aos homens come-pão,/ pois primeiro aceitou de Zeus moldada a mulher/ virgem [...]” (HESÍODO, 1992, p. 135).

As personagens que aparecem no poema são Prometeu, Zeus, Hefesto e Atena. As ações representadas mostram que a intervenção de Prometeu a favor dos mortais ocorre duas vezes. A primeira, em Mecona,⁴ quando há uma reunião entre mortais e imortais para decidirem que partes das vítimas sacrificais (animais) cabem aos homens e quais pertencem aos deuses. Prometeu divide um boi em duas partes: em uma ele coloca as vísceras, a carne e os pedaços mais gordos, escondendo-os no ventre do animal e cobrindo-os com a pele dele; em outra, coloca os ossos e recobre-os com gordura. Zeus, fingindo estar atraído pela gordura (pois está cômico do

³ Pandora é, no mito hesiódico, a primeira mulher. Ela foi criada por Hefesto e por Atena, com o auxílio de todos os outros deuses, por ordem de Zeus. Cada um deles lhe atribuiu um dom. Recebeu a beleza, a graça, a destreza manual, a capacidade de persuadir e outras qualidades. Mas Hermes colocou no seu coração a mentira e a astúcia. Hefesto fê-la à imagem das deusas imortais, e Zeus destinou-a à punição da raça humana, à qual Prometeu tinha acabado de dar o fogo divino. (GRIMAL, 2004, p. 353.)

⁴ Mecona “é o lugar mítico onde teria havido a repartição das honras e dos lotes próprios a cada um dos deuses [...] está localizada na região de Titané, que por sua vez se liga à estória dos titãs.” (LAFER, Mary de Camargo Neves. Mitos: Comentários. In: HESÍODO, 1996, p. 60.)

que vai escolher), opta pela parte em que estão os ossos:

Quando se discerniam Deuses e homens mortais
em Mecona, com ânimo atento dividindo ofertou
grande boi, a trapacear o espírito de Zeus:
aqui pôs carnes e gordas vísceras com a banha
sobre a pele e cobriu-as com a pança do boi,
ali os alvos ossos do boi com dolosa arte
dispôs e cobriu-os com a brilhante banha.
Disse-lhe o pai dos homens e dos Deuses:
“Filho de Jápeto, insigne dentre todos os reis,
ó doce, dividiste as partes zeloso de um só!”
Assim falou a zombar Zeus de imperecíveis desígnios.
E disse-lhe Prometeu de curvo pensar
sorrindo leve, não esqueceu a dolosa arte:
“Zeus, o de maior glória e poder dos Deuses perenes,
toma qual dos dois nas entranhas te exorta o ânimo”.
Falou por astúcia. Zeus de imperecíveis desígnios
soube, não ignorou a astúcia; nas entranhas previu
males que aos homens mortais deviam cumprir-se.
(HESÍODO, 1992, p. 135-137).

Para vingar-se da pretendida afronta de Prometeu, que “sob dolosa arte” o quis enganar, Zeus “negou nos freixos a força do fogo infatigável/ aos homens mortais que sobre a terra habitam” (HESÍODO, 1992, p. 137).

A segunda intervenção verifica-se quando, rebelando-se contra a atitude de Zeus de negar fogo aos humanos, Prometeu rouba-o e entrega-o aos homens, atraindo para si e para os mortais a ira do deus soberano:

Porém o enganou o bravo filho de Jápeto:
roubou o brilho longevivo do infatigável fogo
em oca férula; mordeu fundo o ânimo
a Zeus tonítroo e enraivou seu coração
ver entre homens o brilho longevivo do fogo.
(HESÍODO, 1992, p. 137).

Zeus impõe castigos aos homens e a Prometeu. Aos primeiros envia Pandora. Ela é entregue a Epimeteu, que, contrariando a advertência de Prometeu de não aceitar presente algum vindo de Zeus, recebe-a e casa-se com ela, dando origem às mulheres. Na convivência com os homens, elas são vistas como um mal imposto a eles, pois não querem dividir com os companheiros as dificuldades, exigindo-lhes conforto e luxo:

E criou já ao invés do fogo um mal aos homens:
Plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos
como virgem pudente, por desígnios do Cronida;
cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos
com vestes alvas, compôs um véu laborioso
[...]
Dela descende a geração das femininas mulheres.
Dela é a funesta geração e grei das mulheres,

grande pena que habita entre homens mortais,
parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.
(HESÍODO, 1992, p. 137-139).

Como castigo por sua segunda intervenção a favor da raça humana, Prometeu é acorrentado a uma pedra e condenado a ter seu fígado devorado por uma ave durante o dia, sendo o órgão restaurado à noite, para renovar o suplício do filho de Jápeto. O poema refere que o fim dos tormentos impostos ao protetor da raça humana vai ocorrer quando Hércules⁵ matar a ave devoradora. Esse gesto do herói grego é apoiado por Zeus, antecipando a conciliação entre ele e Prometeu.

E prendeu com infrágeis peias Prometeu astucioso,
cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna,
e sobre ele incitou uma águia de longas asas,
ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite
todo igual o comera de dia ave de longas asas.
O filho de Alcmena de belos tornozelos valente
Hércules matou-a, da maligna doença defendeu
o filho de Jápeto e libertou-o dos tormentos,
não discordando Zeus Olímpio o sublime soberano
para que de Hércules Tebano fosse a glória
maior que antes sobre a terra multinutriz.
Reverente ele honrou ao insigne filho,
apesar da cólera pôs fim ao rancor que retinha
de quem desafiou os desígnios do pujante Cronida.
(HESÍODO, 1992, p. 135).

Em *Os trabalhos e os dias*, no subtítulo “Mito de Prometeu e Pandora”, versos 25-105, Hesíodo expõe sucintamente o que foi apresentado na *Teogonia: a origem dos deuses* sobre as formas de agir de Prometeu, enganando Zeus para proteger a raça humana. No entanto, ele acentua com mais detalhes o castigo que Zeus impõe aos mortais por terem recebido o fogo de Prometeu, enviando-lhes, sob forma de um belo presente, a primeira mulher. O poeta reforça a idéia também encontrada na *Teogonia: a origem dos deuses* de que a mulher representa um mal: “[...] Pandora, porque todos os que têm olímpica morada/ deram-lhe um dom, um mal aos homens que comem pão.[...]” (HESÍODO, 1996, p. 27). Esse castigo torna-se perene, já que os mortais atraídos pelos encantos da mulher não vão separar-se dela.

Mas Zeus encolerizado em suas entranhas ocultou,
pois foi logrado por Prometeu de curvo-tramar;
por isso para os homens tramou tristes pesares:
ocultou o fogo. E de novo o bravo filho de Jápeto
roubo-o do tramante Zeus para os homens mortais
em oca férula, dissimulando-o de Zeus fruí-raios.
Então encolerizado disse o agrega-nuvens Zeus:

⁵ Hércules é filho de Zeus e Alcmena. Seu mito está ligado a mortes de animais e de heróis provocadas por sua grande força e por sua flecha, marcada pelo veneno da Hidra de Lerna, monstro de nove cabeças que expele esse tipo de substância.

“Filho de Jápeto, sobre todos hábil em tuas tramas,
Apraz-te furtar o fogo fraudando-me as entranhas;
grande praga para ti e para os homens vindouros!
Para esses em lugar do fogo eu darei um mal e
todos se alegrarão no ânimo, mimando muito este mal”.
(HESÍODO, 1996, p. 25-27)

Os dois poemas de Hesíodo têm função etiológica, na medida em que explicam a origem de vários aspectos das relações dos homens com os deuses. O primeiro a destacar é a forma como ocorre a separação entre a “raça humana” e os deuses, que, nos tempos primórdios, viviam harmoniosamente. Essa cisão dá origem a criaturas frágeis, que precisam trabalhar e alimentar-se para sobreviverem: “Antes vivia sobre a terra a grei dos humanos/ a recato dos males, dos difíceis trabalhos” (HESÍODO, 1996, p. 29).

O segundo é a procedência do nascimento por geração, resultante da união do homem com a mulher, já que ele deixa de originar-se da terra, como ocorria até o surgimento da mulher. Essas novas gerações humanas passam a envelhecer, a sofrer e a morrer.

O terceiro item a considerar-se da função etiológica diz respeito à instauração do ritual de sacrifício como forma de comunicação entre os homens e os deuses. Observa-se que, nas obras de Hesíodo, a determinação das partes do boi sacrificial feita por Prometeu exprime a condição da nova raça humana quando a ela destina as partes perecíveis do animal (carne e pele), conferindo-lhe a mortalidade, e reitera a imortalidade dos deuses quando a eles se destinam as partes perenes do animal. É a partir dessa separação que o homem precisa apresentar oferendas aos deuses, quando passa a queimar ossos com gordura, originando a fumaça que se eleva até os céus.

A representação do mito em Hesíodo, segundo Trousson (p.785) “serve para explicar a miséria da condição humana e ensinar o respeito aos deuses”. Portanto, pode-se especular que a figura de Prometeu representada nos dois poemas não é de benfeitor dos homens, embora seja esse o seu desejo nas duas intervenções que faz contra Zeus, pois suas ações resultam em danos aos humanos: sacrifícios, trabalhos, doenças, submissão aos desígnios divinos e impossibilidade de revoltar-se contra o estabelecido pelos deuses, conforme os versos seguintes:

Mas outros mil pesares erram entre os homens;
plena de males, a terra, pleno, o mar;
doenças aos homens, de dia e de noite,
vão e vêm, espontâneas, levando males aos mortais,
em silêncio, pois o tramante Zeus a voz lhes tirou.
Da inteligência de Zeus não há como escapar! (HESÍODO, 1996,
p. 29).

Mais tarde, o mito de Prometeu também vai ser retomado literariamente por Ésquilo, na tragédia *Prometeu acorrentado*. Na visão desse autor, o herói revela-se como o benfeitor da humanidade, na medida em

que concede ao homem, além das sementes do fogo, o conhecimento de que necessita para melhorar suas condições de sobrevivência e para progredir intelectualmente.

5 O mito de Prometeu em Ésquilo: o protetor da humanidade

Ésquilo nasceu em Elêuse, a cidade dos mistérios, em 525 a.C.. Segundo registros históricos, iniciou sua carreira de autor trágico com vinte e cinco anos, obtendo, em concursos de tragédias, sua primeira vitória em 484. Embora tenha escrito aproximadamente noventa peças, restam apenas sete. Dessas, cinco têm precisão de datas: *Os persas* (472 a.C.), *Os sete contra Tebas* (467 a.C.), *Agamêmnon*, *As Coéforas* e *As Eumênidas*, (458 a.C.). As três últimas formam a trilogia *Orestia*. Quanto às tragédias *As suplicantes* e *Prometeu acorrentado* não se tem conhecimento da época em que surgiram. Sendo uma prática dos tragediógrafos gregos a construção de trilogias, acredita-se que, complementando *Prometeu acorrentado*, Ésquilo teria escrito *Prometeu portador do fogo* e *Prometeu libertado*. Em relação à última, verifica-se que *Prometeu acorrentado* apresenta indícios de sua existência, pois na peça, em alguns diálogos de Prometeu com o coro e com Io, ele faz referência a um conhecimento secreto em relação ao futuro de Zeus. As palavras de Prometeu antecipam que o segredo ao ser revelado para o soberano do Olimpo, no momento oportuno, vai implicar a libertação do acorrentado a mando do próprio Zeus.

A tragédia de Ésquilo deixa em segundo plano o roubo do fogo, que, nas obras de Hesíodo, constitui o tema principal. A peça esquiliana centraliza-se em quatro eixos: a apresentação de como se efetiva a punição imposta por Zeus a Prometeu por ter furtado o fogo para dá-lo aos homens; o relato dos benefícios que o filho de Jápeto concede ao homem ao ensiná-lo as artes e as técnicas para melhorar suas condições de vida; a exposição do destino de Io e a relação de seu mito com o de Prometeu; por último, a tentativa de Hermes de obter do acorrentado a revelação do segredo sobre o futuro de Zeus. As personagens da peça são Prometeu, Hefesto, Poder e Vigor, Oceano, Io e Hermes. O coro é composto pelas Oceânides. O desenvolvimento da tragédia inicia-se com o diálogo de Hefesto, deus do fogo, filho de Zeus e Hera, com Poder e Vigor, personagem que não faz parte da genealogia dos deuses gregos, enquanto o primeiro acorrenta Prometeu à rocha do monte Cáucaso, único espaço da peça. Na conversa, Hefesto, ao mesmo tempo em que se dirige ao seu interlocutor, também direciona seu discurso ao acorrentado, para quem refere a extensão da pena que Zeus lhe impôs, apresentando seu pai como uma entidade divina cruel e tirânica. Revela-o também como um deus que recentemente assumiu o poder, possibilitando situarem-se os acontecimentos de *Prometeu acorrentado*

em uma atmosfera de Teogonia: a origem dos deuses:

Hefesto – Poder e Vigor, a incumbência de Zeus para vós está terminada; nada mais vos embarga. [...] Eis o que te rendeu o vezo de querer bem à Humanidade. Tu, um deus, não te encolheste de medo à cólera dos deuses e entregaste, com violação da justiça, as suas prerrogativas aos mortais; em paga, montarás guarda a este penhasco desprazível, de pé, sem dormir, sem dobrar os joelhos. Debalde exalarás gemidos e ais sem fim, porque inexorável é o coração de Zeus; todo poder recente é implacável. (ÉSQUILO, 1989, p. 19-20).

Segue-se o diálogo de Prometeu com o coro. Na peça, diferente do que é apresentado nos poemas de Hesíodo, o acorrentado tem Têmis, a deusa da Lei, como mãe. O coral é formado pelas Oceânides, ninfas filhas de Oceano, deus do mar, e de Tétis, também uma entidade marinha. Ao responder a questão feita pelo coro sobre a causa de seu castigo, Prometeu faz um longo discurso. Nele percebe-se aspectos da versão original do mito e vários acréscimos oriundos da criação do poeta. Ele diz o quanto ajudou Zeus a vencer sua luta contra o pai, Crono, para destroná-lo do Olimpo, a fim de tornar-se soberano entre os deuses; revela como roubou as sementes do fogo divino para entregá-las à Humanidade, quando Zeus privou os mortais desse bem com a finalidade de exterminá-los; expõe detalhadamente os ensinamentos técnicos e artísticos que transmitiu ao homem.

Na tragédia, esse ato tem uma dimensão mais significativa do que a referida por Hesíodo na *Teogonia: a origem dos deuses* e em *Os trabalhos e os dias*, pois, ao entregar o fogo aos homens, ele os tira de um estado em que viviam como animais, permitindo que atingissem a condição de seres humanos. Na peça, o fogo não representa somente o meio de sobrevivência para o homem, no sentido de permitir-lhe o cozimento dos alimentos, como aparece em Hesíodo. Ele é visto como elemento que, usado com técnica, é capaz de desencadear o progresso. A peça mostra que os homens, de posse desse bem e dos ensinamentos transmitidos por Prometeu, inventam suas casas; domesticam os animais, para que façam os trabalhos mais pesados; aprendem a ler os astros; descobrem as ervas medicinais para curarem as doenças; passam a usar os minerais na fabricação de utensílios; aprendem a escrita, os números e as artes. Ao retomar o mito de Prometeu, Ésquilo mostra o filho de Jápeto como o grande benfeitor da humanidade, pois é somente a partir do uso do fogo e dos ensinamentos dados pelo titã que o homem inicia a produção do conhecimento para transformar o mundo:

[...] Apenas sentado no sólio de seu pai, passou a distribuir a cada nume seus privilégios, delimitando os poderes; dos pobres mortais não fez conta nenhuma; queria, ao contrário, exterminar-lhes a raça e criar outra nova [...]

[...] Ouví, porém, as tribulações dos mortais; ouvi como, de parvos que eram, os tornei racionais e dotados de inteligência. Quero contá-lo, não porque tenha queixa da Humanidade, mas

para demonstrar quão amistosas foram minhas dádivas. Eles, antes, olhavam à toa, sem ver, escutavam sem ouvir; por toda sua longa existência, tudo confundiam sem tino, como vultos vistos em sonho. Desconheciam casas de tijolos ensolaradas e não sabiam lavrar a madeira; moravam sob a terra, como as ágeis formigas, no fundo sem sol de cavernas. Não conheciam nenhum sinal seguro do inverno, nem da primavera florida, nem do verão frutuoso. Tudo faziam sem saber, até quando lhes ensinei o orto dos astros e seu obscuro poente. Inventei para eles o número, a suprema ciência, bem como a escrita que tudo recorda, arte mãe de toda cultura. Fui quem primeiro ligou sob o jugo os animais, escravizando-os à canga ou à sela, para substituírem os mortais nos trabalhos mais penosos, e atrelei ao carro cavalos dóceis à rédea, ornamento aparatoso da opulência. [...] (ÉSQUILO, 1989, p. 24, 28-29).

Ésquilo mostra Prometeu solidário aos homens e revoltado contra a atitude de Zeus por privá-los do fogo, que, segundo ele, é “a fonte que se revelou para Humanidade, mestra de todas as artes e tesouro inestimável” (ÉSQUILO, 1989, p. 22). Observa-se na tragédia que Prometeu não é apresentado como o inventor do fogo, mas como aquele que sabe ser a chama a origem de todo o desenvolvimento da humanidade. Ele aparece como o único entre os deuses a perceber as fragilidades espiritual e material do homem, assim como seu difícil esforço para transformar-se em ser dotado de pensamento, capaz de organizar sua vida e dominar a natureza. Para que isso ocorra, Prometeu não só lhe entrega o fogo, mas também transmite-lhe o conhecimento secreto das coisas e dos seres do mundo. De acordo com Trousson, (p. 786) Ésquilo altera o mito “ao definir uma nova concepção da condição humana que, graças às boas obras de Prometeu, é agora definida em termos de progresso e não mais, como em Hesíodo, numa perspectiva de decadência e nostalgia da idade do ouro”, conforme se pode observar no diálogo de Prometeu com as Oceânides:

[...] Principalmente, quando alguém adoecia, não tinham medicamento algum, nem de comer, nem de passar, nem de beber; definhavam carecidos de remédios, até que lhes ensinei a composição de específicos eficazes com que afastam todas as moléstias. Coligi muitos gêneros de adivinhação; fui o primeiro a distinguir entre os sonhos quais hão de tornar-se realidade; interpretei para eles os presságios obscuros e os agouros surgidos nos caminhos. [...] Queimando, envoltos em gordura, os membros e longas lombadas, guiei os homens nas obscuridades do aruspício, abrindo os seus olhos para o significado das chamas, até então velado. Quanto a esse ramo, basta. Mas dos bens ocultos ao homem no seio da terra, bronze, ferro, prata, ouro, quem pode reclamar a descoberta antes de mim? Ninguém, tenho certeza, a menos que deseje garrular à toa. Posso contar tudo resumindo em breves palavras: todas as artes os mortais devem a Prometeu. (ÉSQUILO, 1989, p. 29-30).

Na interlocução com as Oceânides, Prometeu diz ter conhecimento de uma profecia sobre Zeus ainda desconhecida pelo deus dos raios e

trovões, que, se realizada, pode destronar o filho de Crono. Quando solicitado pelo coro a revelá-la, ele diz não ser oportuno fazê-lo; ao contrário, deve ser guardada e revelada no momento certo, pois preservando-a pode “escapar um dia aos grilhões humilhantes e aos tormentos” (ÉSQUILO, 1989, p. 30). Esse segredo diz respeito à profecia que anuncia o destronamento de Zeus do poder pelo filho que teria com Métis.⁶ Na peça, desviando o tema dos benefícios concedidos pelo filho de Jápeto ao homem, há um longo diálogo entre a personagem central e Io. Ésquilo, ao introduzi-la na tragédia, mostra a relação de seu mito com o de Prometeu e aponta para a reconciliação que vai haver, no futuro, entre Zeus e o acorrentado, tema provável da peça *Prometeu libertado*.

Sobre o mito de Io, sabe-se que ela é uma sacerdotisa de Hera por quem Zeus tem interesse. Para enganar a esposa, o deus supremo do Olimpo transforma-a em novilha branca, de grande beleza, mas isso não a impede de, à semelhança de Prometeu, ser condenada a um longo sofrimento. Seu suplício inicia quando Hera, vendo o interesse do esposo pelo animal, exige-lhe que a bela fêmea lhe seja consagrada, colocando-a aos cuidados de Argos⁷, que nunca dorme. A mando de Zeus, Hermes consegue libertá-la dessa vigília. Todavia seu sofrimento não se extingue, pois Hera envia uma mosca para atormentá-la constantemente. Fugindo da esposa enciumada, ela chega ao Egito. Lá dá à luz o filho de Zeus, o pequeno Épafo, que vai dar origem a uma raça numerosa à qual pertencem as Danaides (GRIMAL, 2004, p. 251). Na tragédia, no diálogo de Io com Prometeu, é mostrado que um descendente dessa linhagem vai libertar o acorrentado, fato que está narrado no mito, é reiterado por Hesíodo e é explicitado detalhadamente por Ésquilo:

Pr. – Que difícil te seria suportar as minhas penas!
A mim, os fados não consentem a morte; seria essa a libertação de meus tormentos; mas nenhum fim se oferece a meus sofrimentos antes que de seu poder Zeus seja derrubado.
I. – É possível que Zeus caia do poder algum dia?
Pr. – Gostarias, creio, de ver o acontecimento.
I. – Como não, se é por causa de Zeus que padeço?
Pr. – Pois bem; assim será, pode estar certa.
I. – Quem lhe há de arrebatar o cetro da realeza?
Pr. – Ele mesmo o fará com seus caprichos insensatos.
I. – De que maneira? Dize-o, se não há perigo.
Pr. – Ele convolará a núpcias de que há de arrepender-se.
I. – Noiva divina ou humana? Se não é segredo, conta-me.
Pr. – Que importa quem seja? Não devo romper o segredo.

⁶ De acordo com o relato mítico, havia um antigo oráculo que anunciava o destronamento de Zeus pelo segundo filho que nascesse da sua união com Métis. Ao tomar conhecimento da predição, Zeus engoliu a deusa e, quando chegou o momento do parto, Hefesto fendeu com um golpe de martelo o crânio de senhor do Olimpo, de onde saiu, completamente armada, a deusa Atena. (GRIMAL, 2004, p. 470.)

⁷ Argos é representado na mitologia grega por um ser de cem olhos, distribuídos pelo corpo. Por ter múltiplos olhos, ele está sempre atento a tudo, pois só metade desses é que dorme. (GRIMAL, 2004, p. 41.)

- I. – A esposa o destronará?
 Pr. – Sim, dando à luz um filho mais forte do que o pai.
 I. – E não há como arredar dele esse destino?
 Pr. – Não, salvo, se eu for solto dos grilhões.
 I. – Quem há de te soltar, se Zeus assim não quer?
 Pr. – Um de teus descendentes, como querem os fados.
 I. – Que dizes? Um filho meu te livrará dos males?
 Pr. – Após dez outras gerações, uma da terceira. (ÉSQUILO, 1989, p. 35-36).

Prometeu também dialoga com Oceano, o mais velhos dos Titãs, que era filho de Urano e Geia, e casado com sua irmã, Tétis. Oceano pede a Prometeu que se porte de acordo com sua condição de condenado, por ter ofendido Zeus ao roubar o fogo sagrado, evitando proferir palavras que atentem à divindade suprema. Em seu discurso, ele destaca que Zeus, por ser ainda um jovem no poder, mostra-se excessivamente tirano e soberbo, o que pode trazer mais prejuízos ao condenado. Salienta que, se Prometeu portar-se submisso e conformado com o castigo, seu algoz pode atenuar o suplício: “[...] Reconhece a tua condição e muda de gênio, pois um novo rei governa os deuses. [...] Renuncia a tua fúria e procura livrar-te deste suplício. [...]” (ÉSQUILO, 1989, p. 26). Prometeu não se deixa convencer pelas palavras de Oceano, continuando a enumerar as façanhas cruéis de Zeus após vencer o pai e assumir o poder. Na peça fica clara a posição autoritária de Zeus, caracterizado como um rei que destitui um soberano devido à sua conduta tirânica e, ao assumir o poder, age com a mesma postura do antecessor. Apesar de acorrentando, Prometeu tem liberdade para avaliar a conduta do novo soberano do Olimpo, o que não acontece com as outras divindades, porque temem a cólera de Zeus.

No final da tragédia, aparece Hermes, filho de Zeus e de Maia, uma das sete estrelas da constelação Plêiades. Ele é considerado o condutor das vontades de seu pai. Hermes vai ao encontro de Prometeu no monte Cáucaso para pedir-lhe que lhe revele a profecia anunciadora de que Zeus vai ser destronado do poder por um filho “[...] – meu pai ordena que reveles qual casamento, segundo alardeias, o derrubará do poder. E nada de enigmas; fala ponto por ponto pelos termos próprios [...]” (ÉSQUILO, 1989, p. 39). Diante da recusa do condenado em dar a conhecer o segredo, o mensageiro divino expõe os suplícios futuros de Prometeu, complementando detalhadamente o que é dito a respeito do destino final do protetor dos homens:

[...] Primeiro, com o trovão e a chama do raio, meu pai despedaçará estes alcantis, sepultando o teu corpo, e será embalado no regaço destas penhas. Passarás assim uma eternidade; depois virás de volta à luz, mas uma águia ruiva, cão alado de Zeus, furiosa, rasgará de teu corpo uma posta enorme para – conviva não convidado, que passa o dia no banquete – regalar-se com a iguaria escura de teu fígado. Não esperes nenhum fim a esse tormento, salvo se aparecer um deus que tome o teu lugar no suplício, disposto a descer às sombras do Hades e às profundezas trevosas do Tártaro. (ÉSQUILO, 1986, p. 41).

Hermes e as Oceânides vão embora. Zeus envia seus raios e trovões juntamente com uma grande ventania, provocando o estremecimento da terra que desaba sobre Prometeu. O final dessa tragédia de Ésquilo parece confirmar a hipótese de que realmente ele teria escrito a peça *Prometeu libertado*. Nela, o autor mostraria que, de acordo com o que sugerem as palavras de Hermes, depois de “passar uma eternidade”, o condenado livra-se do suplício. E semelhante ao que consta na obra de Hesíodo, Hermes diz que a águia de Zeus vai ser abatida por Hércules. Ele refere também que o acorrentado vai liberta-se do castigo por Zeus após revelar-lhe o segredo de como evitar o cumprimento da profecia que anuncia sua queda do poder.

Conforme Trousson, (786), Ésquilo mostra que, para haver equilíbrio nas relações dos homens com as divindades, ambos devem respeitar a justa medida. O poeta mostra em sua tragédia que o grande erro dos homens e dos deuses tem origem na híbris, ou seja, na falta de medida de cada um, fato que os leva a ultrapassar suas limitações. Zeus, como soberano novo, vai além de seus limites quando quer exterminar a raça humana por sentir-se ofendido ao ser enganado por Prometeu na divisão das partes do animal sacrificial. Prometeu extrapola sua medida ao enganar Zeus na divisão das partes do animal sacrificial e roubar o fogo divino. Embora o gesto do titã proporcione condições aos homens para sobreviverem e desenvolverem o conhecimento que os ajuda a vencer as adversidades da natureza, no julgamento reprovador das Oceânides, ele rompeu com a lei divina.

Fica também explícita na tragédia esquiliana a ampliação do mito, porque nela Prometeu não é a vítima indefesa de Zeus como aparece em Hesíodo, pois ele tem secretamente ciência de uma profecia. Na peça a atitude do acorrentado mostra-o como o iniciador do processo de civilização do homem, que vai realizar-se através do conhecimento das artes e das técnicas transmitidas pelo filho de Jápeto. Na obra de Platão, Prometeu aparece como criador e benfeitor dos homens ao lado de Zeus.

6 O mito em Platão: Prometeu e Zeus, os protetores dos homens

Platão nasceu em Atenas, em 427 a.C., no início da Guerra do Peloponeso. Ele conheceu Sócrates, com quem conviveu durante oito anos, período em que se iniciou na filosofia. Escreveu vários diálogos, que têm Sócrates como figura central, nos quais o autor procura definir noções de mentira, em *Hípinas menor*; de dever, em *Críton*; de natureza humana, em *Alcibiades*; de sabedoria, em *Cármides*; de coragem, em *Laquês*; de amizade, em *Lísias*; de piedade, em *Eutífron*; de retórica, em *Geórgias* e *Protágoras*. Ele também escreveu *Banquete*, *Fedro* e *República*.

Em *Protágoras*, Platão apresenta Sócrates, que está à procura da personagem cujo nome dá título à obra, recém-chegada à cidade, para apresentar-lhe um companheiro desejoso de tornar-se discípulo do filósofo, considerado o maior sofista. No encontro, Sócrates pergunta a Protágoras qual o objeto de seus ensinamentos, e ele declara ser o de formar bons cidadãos:

[...] o meu ensino destina-se à boa gestão dos assuntos particulares – de modo a administrar com competência a própria casa – e dos assuntos da cidade – de modo a fazê-lo o melhor possível quer por ações quer por palavras.
– Será que percebi bem tuas palavras? Parece-me que falas da arte de gerir a cidade e prometes transformar os homens em bons cidadãos?
– É precisamente, Sócrates, o objetivo que me proponho a cumprir. (PLATÃO, 1999, 88-89).

Sócrates, continuando o diálogo, pergunta a Protágoras se a virtude pode ser ensinada e pede-lhe que lhe mostre a forma como pode-se aprendê-la. Protágoras declara que é possível ensinar-se a virtude e propõe-se a contar uma história para demonstrar sua idéia. Ele então apresenta a sua versão do mito de Prometeu, que é diferente das descritas nas obras de Hesíodo e de Ésquilo. De acordo com o seu relato, os deuses, para criarem a raça dos mortais (homens e animais), modelaram-na a partir de uma mistura de terra com fogo. Depois encarregam Prometeu e Epimeteu de organizar as criaturas e de atribuir a cada ser as características que os distinguem. Epimeteu pede a Prometeu para fazer o trabalho, sugerindo que no final o irmão revise a tarefa. Epimeteu, desajeitadamente, faz a distribuição dos atributos dos diversos seres, utilizando todos os recursos com os animais irracionais e deixando de fora da organização a raça dos homens. Prometeu, ao inspecionar a empreitada,

[...] vê que o homem está nu, descalço, sem abrigo e sem defesa. E já estava próximo o dia marcado, em que era preciso que também o homem saísse do interior da terra para a luz do dia. Sem encontrar qualquer outra solução para assegurar a sobrevivência do homem, Prometeu, roubou a sabedoria artística de Hefesto e Atena, juntamente com o fogo – porque sem o fogo era impossível possuí-la ou torná-la útil – e, assim, ofereceu-a ao homem. Com ela, este tomou posse da arte da vida, mas não da arte de gerir a cidade, pois esta estava junto do próprio Zeus. Já não fora possível a Prometeu entrar na morada de Zeus [...]. Deste modo, o homem participava da herança divina e, devido ao parentesco com os deuses, foi o único dos animais a acreditar neles [...] (PLATÃO, 1999, p. 92).

Protágoras prossegue sua história dizendo que os homens dominavam a arte dos sons e das palavras, construía suas casas, faziam seus vestuários e calçados, tiravam seus alimentos da terra, mas viviam dispersos e não sabiam lutar contra os animais, porque

[...] faltava-lhes a arte de gerir a cidade, da qual faz parte a arte da guerra. Procuraram, então, associar-se e proteger-se, fundando cidades. Só que, ao associar-se, tratavam-se injustamente uns aos outros, já que não possuíam a arte de gerir a cidade. De modo que, novamente dispersos, se iam destruindo... Zeus, então inquieto, não fosse a nossa espécie desaparecer de todo, ordenou a Hermes que levasse aos homens respeito e justiça, para que houvesse na cidade ordem e laços que suscitassem a amizade. (PLATÃO, 1999, p. 92- 93).

A personagem continua seu relato, dizendo que Zeus mandou Hermes distribuir a justiça e o respeito mútuo a todos os homens, pois “não haverá cidades se somente uns poucos partilharem deles [...]”. (PLATÃO, 1999, p. 93). Conforme Protágoras, essas virtudes diferenciam os homens dos animais e são essenciais para eles organizarem-se social e politicamente, pois dessa forma os humanos podem defender-se dos ataques externos. O filósofo mostra a importância da guerra como forma de defesa da espécie humana e de organização social:

A arte que dominavam era-lhes suficiente na procura dos alimentos, mas ineficaz na luta com as feras – com efeito, faltava-lhes a arte de gerir a cidade, da qual faz parte a arte da guerra. Procuraram, então, associar-se e proteger-se, fundando cidade. (PLATÃO, 1999, p. 92).

Para concluir sua resposta a Sócrates, o sofista declara que a virtude não é inata ao homem; ela é adquirida através de ensinamentos: “[...] pretendo demonstrar-te que não acreditam que seja obra da natureza ou algo inato mas, antes, ensinada e que aquele que o desenvolver conseguiu-lo-á graças ao treino” (PLATÃO, 1999, p. 94). Sócrates questiona a idéia de Protágoras, afirmando existirem características humanas que são inatas e, portanto, não podem ser aprendidas, como são as artes e as técnicas. A discussão sobre o tema termina quando os dois chegam à conclusão de que existem aspectos importantes da natureza humana que são aprendidos e outros que são inatos.

Observa-se, no decorrer de todo o diálogo entre os dois interlocutores, que o objetivo maior de Protágoras, ao apresentar o mito de Prometeu, não é mostrar a importância dos deuses na criação do homem, mas evidenciar a evolução da humanidade e a forma como ela ocorre, graças às dádivas recebidas de Zeus. É possível concluir-se que, semelhante aos poemas de Hesíodo, a história sobre Prometeu contada por Platão também tem função etiológica. Ela explica a origem do homem, a forma como adquire o conhecimento para dominar a natureza e, mais ainda, mostra como ele passa a organizar-se socialmente com justiça e respeito mútuo. De acordo com o sofista, essa maneira de viver diferencia os homens dos outros animais e os torna mais perfeitos.

7 Conclusão

O mito de Prometeu está relacionado com a origem do fogo e também com a do homem. Observa-se que, nas obras dos autores analisados, produzidas no intervalo de mais ou menos quatro séculos, o mito recebe variações significativas e, de certa forma, essa mutabilidade revela a evolução da humanidade desde seu primórdio até sua organização em sociedade, com bases em princípios que diferenciam os seres humanos dos demais animais.

De acordo com a versão mítica da oralidade, Prometeu rouba o fogo de Zeus e entrega-o ao homem, a fim de que o utilize para preparar seus alimentos. Ressalte-se também haver uma variante que aponta Prometeu como criador dos primeiros homens. Nas obras de Hesíodo, observa-se a repetição do que é descrito no mito tradicional com o acréscimo do detalhamento dos castigos que Zeus impõe aos homens, acentuando sua fragilidade em relação aos deuses ao referir o aparecimento das doenças e dos sofrimentos, ao determinar o nascimento por gerações a partir da união do homem com a mulher, ao estabelecer o trabalho como forma de sobrevivência, ao fixar a necessidade das oferendas aos deuses como meio de comunicação entre os mortais e imortais. De acordo com o exposto nos poemas de Hesíodo, o homem ainda vive em condições muito precárias, pois apenas domina o conhecimento que lhe permite sobreviver na natureza.

Entretanto, na tragédia *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo, as dádivas de Prometeu dão condições à espécie humana de evoluir através do uso do fogo – que é visto como a fonte para o progresso – e dos ensinamentos transmitidos pelo acorrentado. Nessa versão, é mostrado que o homem aprende a ler, a construir sua moradia, a desvendar os segredos das coisas e dos seres do mundo. De posse desses conhecimentos, ele tem uma evolução no plano intelectual, fato que não é descrito na obra de Hesíodo.

Em *Protágoras*, os deuses criam o homem, moldado do barro, e Prometeu entrega-lhe o fogo de Hefesto, que é mestre no uso desse elemento, e as artes de Atena, a deusa da sabedoria. Zeus manda que Hermes lhe dê a justiça e o respeito mútuo, virtudes que vão ajudá-lo a organizar-se em comunidade para defender-se mutuamente das adversidades. Nas versões literárias gregas, Prometeu não aparece como criador da espécie humana, conforme sugere uma versão clássica grega. É somente na criação de Platão que Zeus é visto como benfeitor do ser humano ao lado de Prometeu. Diferente da versão de Ésquilo, que mostra Prometeu como seu protetor ao dar-lhe as técnicas das artes, Platão deixa ver, através do diálogo de Protágoras com Sócrates, que não valoriza as habilidades que Prometeu concede aos homens. O autor acentua como mais importantes as virtudes oferecidas por Zeus, justiça e respeito mútuo, que possibilitam ao indivíduo viver civilizadamente, receber e transmitir instrução e educação, distinguindo-o dos demais animais. Com as dádivas de Prometeu, os

humanos têm a posse da arte da vida, mas com as de Zeus eles recebem a arte de gerir a cidade. Conforme destaca Ana da Piedade Elias Pinheiro (1999) na Introdução de *Protágoras*, as ofertas concedidas pelo deus supremo do Olimpo possibilitam-lhes, não só o relacionamento com o outro através dos laços de amizade, indispensáveis à vida comunitária, mas também a capacidade de constituírem-se como sociedade organizada, permitindo-lhes proteger-se das ameaças externas, uma vez que lhes faculta também a arte de guerrear.

Como se pode perceber por este estudo comparativo, o mito de Prometeu em três obras literárias da Antigüidade grega apresenta diferentes versões, que podem ser analisadas ainda por outros vieses.

Recebido em novembro de 2007.

Aprovado em novembro de 2007.

Title: The myth of Prometheus: in Hesiod, Aeschylus and Plato

Abstract

The myth of Prometheus, intimately connected to the question of the origin of fire, is one of the oldest and universal myths. Literature, the art which transmits a variety of human situations, its costumes, its beliefs through the word, has borrowed and turned this myth the theme of a number of works since the ancient times. In the ancient Greece, the myth of Prometheus is represented in literary texts of authors like Hesiod, in the poems *Theogony* and *The Works and Days*; Aeschylus in *Chained Prometheus*; Plato in *Protagoras's Dialogue*.

Key words: The myth of Prometheus. Literature. Ancient times. Origin of fire. Hesiod. Platô. Aeschylus.

Referências

BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico. Etimológico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Memórias*. Tradução de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

_____. *Teogonia: a origem dos deuses: a origem dos deuses*. Tradução de Jaa Torrano. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.

ÉSQUILO. *Teatro grego*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1989.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e latina*. Tradução de Victor

Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LAFER, Mary de Camargo Neves. Mitos: Comentários. In: HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. 3.ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

PLATÃO. *Protágoras*. Tradução, introdução e notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

TROUSSON, Raymond. Prometeu. In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.